



“Em estado de criação”: a arte de Habitar-se durante a pandemia

"In a state of creation": the art of Habitar-se during the pandemic

Michelle Dantas Ferreira¹
Vitória da Silva Bemvenuto Bonifácio¹
Wallace Araujo de Oliveira²
Juliana de Souza Ferreira³

Resumo

O Habitar-se é uma ação de extensão criada e proposta por nós, pesquisadores vinculados à Educação Universitária e atuantes também na Educação Básica, em 2020/2021, durante a pandemia do novo coronavírus, por meio de encontros online. Intenciona fortalecer vínculos com a Educação Estética, a Arte e a Formação docente a partir de nossos corpos em movimento. Por meio dele, objetivamos ressaltar a necessidade de vivências que dialoguem com as linguagens artísticas cujo conhecimento advém de um processo que se inicia, perpassa e acontece no/pelo corpo. Partilharemos, por meio de uma das proposições ofertadas por uma artista-professora convidada, algumas das reflexões que as experiências vividas nessa ação de extensão vêm nos convocando. Diante da pandemia, apostamos em ações-frestas como essa, que alarguem o espaço para as Artes na Educação e ampliem as possibilidades de uma Educação Estética, que se faz na/pela relação, tendo a arte e as sensibilidades convidadas ao diálogo.

Palavras-chave: Educação do Sensível. Arte. Habitar-se. Pandemia.

Abstract

Habitar-se is an extension action created and proposed by us, researchers linked to University Education and also active in Basic Education, in 2020/2021, during the Coronavirus pandemic, through online meetings. It intends to strengthen links with Aesthetic Education, Art and Teacher Education based on our bodies in motion. Through it, we aim to emphasize the need for experiences that dialogue with artistic languages whose knowledge comes from a process that begins, permeates and happens in/through the body. We will share, through one of the propositions offered

¹ Discentes do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - michaduda@yahoo.com.br; bemvenutovitoria@gmail.com

² Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Patrimonial do Instituto de Pesquisa e Memória dos Pretos Novos (IPN) - wallacearaujo1982@hotmail.com

³ Discente da Graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - juuh2698@gmail.com



by a guest artist-teacher, some of the reflections that the experiences lived in this extension action have been calling us to. Faced with the pandemic, we are betting on gaps like this one, which widen the space for the Arts in Education and expand the possibilities of an Aesthetic Education, which is made in/through the relationship, with art and sensibilities invited to dialogue.

Keywords: Sensitive Education. Art. Habitar-se. Pandemic.

1 Experimentar um acontecimento, criar outro: nós, a pandemia e o Habitar-se

E assim, nesse profundo mergulho na consciência de si, eu quero que você escute duas palavras e sinta onde elas batem: força (pausa) criativa. Onde bate no teu corpo? Sente. (Arquivo de pesquisa, 2021).

Esse fragmento, trecho da proposta do encontro “Em estado de Criação”, conduzido pela artista-professora Priscilla Menezes em abril de 2021 na ação de extensão Habitar-se, afirma o fundamento de nossas ações: experiência como aquilo que nos passa, nos toca e nos acontece (LARROSA, 2002), mobiliza, desloca e nos faz criar. Nesse sentido, acreditamos que o experimentado frente a frente com o mundo, sentindo suas forças acontecimentais, nos chega na qualidade de faíscas provocadoras de novas e outras ações, acionando nossas forças criativas e criadoras.

O cerne da extensão é fazer o que é desenvolvido na universidade transbordar em diálogo com a sociedade e demais espaços que a circundam. Assim, o foco de nossos projetos coloca Educação Universitária e Básica em constante relação, criando ações que colaborem com a formação de professoras/es, inicial e continuada. Para tanto, temos como referencial central os princípios da Educação Estética, pois

[...] educar primordialmente a sensibilidade constitui algo próximo a uma revolução nas atuais condições do ensino, mas é preciso tentar e forçar sua passagem através das brechas existentes, que são estreitas, mas podem permitir alargamentos (DUARTE JR., 2000, p. 212).

Para possibilitar tais alargamentos, articulamos pesquisas acadêmicas diversas, reflexões e produções tecidas pelos fios das artes, sensibilidades, criação, experiência e docência. Colocando um ponto de suspensão em nossa circulação pela Universidade e nos convocando a perceber as maneiras como a pandemia do novo



coronavírus nos afetava, desde março de 2020 fomos atravessados, afastados e desarticulados. Um micro-organismo fez saltar as veias do mundo (SANTOS, 2020), expondo as mais diversas distorções sociais e pessoais, desigualdades, interesses e violências que antes, se mantinham escondidas, veladas ou mesmo naturalizadas. Pelo alto nível de transmissibilidade do vírus, fomos forçados ao afastamento físico, limitando nossa sociabilidade ao uso excessivo de telas, nos fazendo (re)aprender a estarmos em contato.

A pandemia se tornava um instante decisivo para sentirmos os elementos que perturbam nosso organismo, instituições, a nós e ao coletivo em que estamos inseridos. Assim, refletimos sobre como poderíamos nos manter ativos, criativos e criadores, presencialmente juntos em uma relação mediada por aparelhos eletrônicos. De que maneira manter o elo entre nós e as vias que nos fazem mover: educação, arte, sensibilidades e o vínculo relacional?

Instigados, nos colocamos diante dos afetamentos pandêmicos, das reinvenções solicitadas e dos recursos apresentados como ferramentas para abriremos frestas que possibilitem que não saíamos os mesmos dessa experiência. Não voltar à “normalidade” (KRENAK, 2020), mas nos voltarmos à humanidade, à criação e às sensibilidades que dela são intrínsecas. Latour (2020) também acendeu em nós a urgência de percebermos nossas ações-frestas como gestos que podem barrar, não só a imobilidade e solidão sentida diante do alastramento do novo coronavírus, mas uma lógica mecânica de estarmos no mundo afastados de possibilidades afetivas e presentes de ser.

Krenak (2019) nos provoca a pensar que vivemos em um tempo ausente de experiências e vida. Estesiarmos nossas capacidades de experimentar o prazer de estarmos vivos, dançar, cantar, mover, estabelecer relações e atuar na contramão dessas ausências implica recusar os estados de anestesia. Pelo encontro, pela criação/expressão que nos conecta à vida, pela cooperação que nos mobiliza a construir uma sociabilidade sensível, trilhando assim caminhos de conexão consigo e com o outro.

À medida que os transtornos da pandemia se agravavam, nossas vontades de mover também pediam espaço e, então, em abril de 2020 criamos o Habitar-se:



uma ação de extensão com o objetivo de promover momentos de autocuidado e a ocupação de nossos corpos-casa (BERTHERAT, 2000; VIANNA; CASTILHO, 2002), através de experiências estéticas com práticas artísticas e corporais variadas, percebendo e dialogando com os desafios enfrentados. Gratuito, aberto, remoto e voltado a momentos criativos de prestar atenção em si mesmo, com ênfase na experiência, nos estimulando a

[...] suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2002, p. 24).

Inicialmente, o Habitar-se surgiu como proposta interna, direcionada aos integrantes de nosso Grupo de Pesquisa e estudantes do curso de Pedagogia, em um componente curricular obrigatório. No entanto, a ação evidenciou sua força de expansão nos convocando a ampliarmos seu alcance e, em maio de 2020, o tornamos público, como a nova ação extensiva do projeto “Corpo, Arte e Natureza: a metodologia de formação de professores”. Convidamos, por meio de nossas redes sociais do Instagram e Facebook, aos/às interessados/as em se nutrir pelas artes, sensibilidades, criação e pelo movimento a partir de uma plataforma remota de reuniões.

O Habitar-se, então, se estabeleceu como uma de nossas principais ações-frestas durante a pandemia, com encontros virtuais às quintas-feiras, durante uma hora e meia para oficinas corporais e artísticas com profissionais das áreas do corpo, do movimento, da educação e das artes. Até o presente momento, tivemos duas temporadas, respectivamente com 14 e 7 proposições. Seguindo seu curso, nossa ação encontra-se no final de sua terceira temporada com a realização de 8 encontros.

Como foco, destacamos a experiência proposta pela artista visual do desenho e da poética e professora de Arte e Educação, Priscilla Menezes. Intitulado “Em estado de criação”, esse encontro nos mobilizou a afirmar a potencialidade das artes que tem emergido do/com o Habitar-se.



2 “Em estado de criação”: a força da arte no corpo

Ao revisitamos as sensações que a experiência com a proposição “Em estado de criação” nos causou, percebemos, mais uma vez, as potencialidades de colocarmos a Educação em diálogo com a Arte. Alguns momentos nos marcaram durante o processo e nos instigaram a sustentar o vivido, a fim de que ele nos mostrasse suas formas e consistências. Assim, percorreremos dois dos convites feitos pela proponente aos participantes, e uma narrativa final a partir do desenho feito como forma de registro da experiência.

No dia 15 de abril de 2021, terceira temporada do Habitar-se, a artista-professora começou agradecendo as presenças e ressaltando a coragem dos/das participantes de se colocarem disponíveis a experimentarem a vivência, uma coragem bonita “de vir fazer o que você nem sabe bem o que é” (Arquivo de Pesquisa, 2021). Depois, compartilhou o objetivo de investigar a possibilidade de a criatividade ser um estado corporal, uma hipótese para ser sentida e pesquisada coletivamente. Para tanto, seguiu um percurso marcado por três ações-convites: visualização imaginativa; registros; movências.

Evocando o desejo de possibilitar um estado de bem-estar, questionou:

O que que vai te trazer bem-estar agora? (pausa) Será que de repente é fechar a porta de onde você tá para te trazer um pouco mais de intimidade? Será que é baixar a luz? Pegar uma água? Ou, por exemplo, quando eu convidar para as movências, por favor, interprete esse convite em relação à sua possibilidade (Arquivo de Pesquisa, 2021).

A dimensão de cuidado e atenção às necessidades é elemento central no Habitar-se, apoiando-nos nesse momento de desafios, fomentando o direcionamento de afetos e solidariedade. Foucault (2004) pontua que o cuidado de si implica também a relação com o outro, uma vez que, para cuidar bem de si, é preciso a guiança de alguém que nos conte sobre sua experiência e nos sugira, quem



sabe, caminhos para cultivar esse cuidado de forma atenta e implicada. Trata-se de um modo de se estar no mundo, uma atitude para consigo, o outro e o acerca de nós: uma relação, individual e coletiva.

Na prática desse cuidado, das sensibilidades e das artes na educação encontramos uma condição pedagógica e ética no cenário em que vivemos. Sustentar a imaginação no corpo, dar passagem aos pensamentos e dedicar atenção sensível ao que nos acontece foram gestos solicitados por Priscilla no segundo convite. Para fazê-lo ela nos inquietou com sua hipótese: “pra experimentar a criatividade no corpo a gente precisa abrir espaço” (Arquivo de Pesquisa, 2021). Nos convidou a esvaziar elementos que estivessem em excesso dentro de nós: afetos, imagens, sensações, preocupações, pensamentos, inquietações etc. Refletimos, assim, se alguns desses excessos estariam ocupando espaços do nosso estado criativo e registramos isso em papel por meio de palavras. Anotação que trazemos em imagem a seguir.

Figura 1 – Registro Escrito.

Cansaço, sono, empolgação, alegria,
sentimento de liberdade, preocupação com
os trabalhos e prazos, saudades da praia,
dos amigos, do ar puro. Vontade de andar
sem rumo e de deixar a vida me levar.
Desejo de mover e de me nutrir.

Fonte: Acervo de pesquisa (2021).

O quanto somos tomados/as de sobressalto pelas demandas de trabalho, problemas a resolver, tarefas inacabadas, contas a pagar, urgências da vida? Afinal, quanto de pensamento, tempo e atenção retiramos de nossos processos criativos por estarmos tomados por funções utilitaristas – do ter que fazer para viver e não viver para fazer?

Na contramão de uma perspectiva transmissiva e produtivista, pensamos a arte como forma de processar o vivido, o contexto, o que nos atravessa. Uma



educação contagiada com as artes se dirige a experiências sensíveis e criativas, implica forjar uma política de conhecimento que opera movente entre o formar, conhecer e cuidar. Como atitude formativa que acontece na abertura aos encontros, sentimos que a arte nos potencializa, ativando a sensorialidade, permite sair de reduções normalizadoras. Ativa o campo que se mantém em permanente contato com a vida, de forma estética, em relação com a vida e sua atualidade, expandindo pela criação nossa compreensão de nós mesmos e do mundo.

Tratando de processos de relação com o corpo, sensibilidades, criatividade e ações no mundo, a Educação Estética evoca a artesanaria acreditando que é por meio do sentir, do estar incorporado a si e ao entorno, que se torna possível saber.

A educação precisa ser suficientemente sensível para perceber os apelos que partem daqueles a ela submetidos, mais precisamente de seus corpos, com suas expressões de alegria e desejo, de dor e tristeza, de prazer e desconforto (DUARTE JR., 2000, p. 212).

A estética dessa educação não tem a ver necessariamente com o belo (OSWALD, 2011), os formatos, a perfeição, a observação de uma obra de arte, mas sim com o que emociona, faz doer, convida à dança e o que nos faz trocar de lugar, nos reconhecermos em transformação, “[...] impregna[ndo-nos] do mundo físico e social pelos sentidos” (OSWALD, 2011, p. 25).

A proposta contou com três movências corporais - convites a partir de alguns disparadores. Duas destas práticas, conectadas a um exercício de imaginação e outro de permanência. Nos deteremos nas duas primeiras, estabelecendo contato atencioso com a terceira em um momento futuro.

A primeira foi guiada pela ideia de criar relação do nosso corpo com o ar, gerando por meio do movimento uma espécie de ventania. A proposta era que o vento gerado não ficasse do lado de fora, mas entrasse no corpo, “preenchendo” os espaços abertos pelo primeiro convite. A segunda prática consistiu na escuta das palavras “força” “criativa” e na proposição de sentirmos como elas nos atravessavam, sustentando-as e imaginando-as em nossos corpos.



Evocamos essa força em imagem e nos movemos com a proposta de ampliá-la: tornando-a grande o suficiente para nos conduzir à dança.

O convite é que no final dessa movência, dessa música, essa força esteja no teu corpo inteiro. Então, a gente vai mover o corpo pra mover essa força. Pra ampliar. Para deixar ainda maior, mais extensa. Tenta não racionalizar muito como você vai fazer isso. Tenta experimentar. Vai movendo. Vai sentindo! Se parece que tá aumentando, continua. Se parece que te distanciando dela, muda um pouco a rota. Mas, não racionaliza. Deixa um pouco ela te conduzir nesse momento. Tá bom!?

(Arquivo de Pesquisa, 2021).

Dançamos, sentimos, criativamente e com força, percebendo as dinâmicas em que estamos inseridos/as e como se expressam em nossos corpos, nas maneiras como os pensamentos se somatizam em nossos tecidos e o quanto essas manifestações simbólicas se presentificam no mundo em nossos movimentos.

Com Foucault (2013), sentimos que é por meio do corpo, outro elemento central do Habitar-se, que o ser humano percebe a própria existência e o que mais lhe envolve: “temos um corpo, que este corpo tem uma forma, que esta forma tem um contorno, que no contorno há uma espessura, um peso; em suma, que o corpo ocupa um lugar” (FOUCAULT, 2013, p. 15). Por meio desse corpo nos habitarmos, formando um corpo coletivo e reconhecendo que as práticas que vivemos no encontro se inscrevem em nós.

Imaginações, notações e movências que, registradas artisticamente em nosso corpo, nos acompanham para além do momento exato do vivido. Extravasam o tempo e o espaço demarcado à proposição e se afirmam no que apostamos e por essas trilhas nos movemos, escrevemos e pesquisamos.

3 A experiência sem ponto final

Do registro criado por uma das participantes-autoras deste relato, recuperamos e partilhamos abaixo a imagem do corpo enraizado no mundo, evidenciando uma experiência sem ponto final.



Figura 2 – Desenho.



Fonte: Acervo da pesquisa (2021).

O acontecimento, mesmo tendo apenas uma hora e meia de duração em um único dia da semana, insistiu em se esparramar pelos outros dias e meses, se alastrar pelas horas e capturar nossos interesses e atenções.

Apostando nesses encantamentos, a criadora do desenho expressou sua “força criativa” também no tecer desta narrativa:

Rememorando o encontro e revisitando meu desenho percebi que algumas sensações como a de liberdade, tranquilidade e alegria ainda se fazem presentes. Por integrar a equipe responsável pelo Habitar-se são raros os momentos que consigo estar de corpo inteiro dentro das propostas, devido às demandas organizacionais que envolvem a ação. Guardo este encontro no coração pois tive a possibilidade de participar das propostas mais ativamente. A sensação de esvaziar a mente e deixar a vida seguir seu fluxo começou a fazer parte da rotina. As cores, palavras e linhas em constante rodopios são um lembrete de que a leveza, a arte e sua força criativa são essenciais para seguirmos resistindo e nos nutrindo em meio aos tempos difíceis. (Acervo pesquisa, 2021)



Sentimos que nossa empreitada não nos convida a conclusões, mas alerta sobre a necessidade de deixarmos em aberto o tempo em que vivemos, estimuladas/os por medidas não previstas que nos permitem observar o que esparrama dos encontros e produções do Habitar-se, como experimentação continuada que está se transformando, “Em estado de criação”.

Seguimos nossas movimentações inacabadas, imprecisas – não previsíveis – como ato político e constante de se estabelecer vínculos afetuosos e inventivos. Continuamos na manutenção do Habitar-se enquanto grupo-rede, para o nosso suporte e para aqueles que vêm se habitar em coletivo.

Permanecemos, atravessando dias quarentenados, abrindo frestas nos limites dessa pandemia: formações-passagens que transpassam as telas do online, paredes da universidade, permeiam contextos e têm nas tensões da vida o resignificar cotidiano da docência e da humanidade por meio das sensibilidades que fazem morada em nosso corpo-casa com presença e cuidado, terreno do mundo.

Referências

BERTHERAT, Thérèse. **O corpo tem suas razões**. SP: Martins Fontes, 2000.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. 2000. 234f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

FOUCAULT, Michel. **A Ética do Cuidado de Si como Prática da Liberdade**. Ditos & Escritos V - Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Schawarzc S.A, 2019.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Schawarzc S.A, 2020.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.**[online], n.19, p. 20-28, 2002.



LATOURE, B. **Imaginar gestos que barrem o retorno da produção pré-crise.** N-1 edições. Disponível em: <<https://n-1edicoes.org/008-1>>. Acesso em: 15 de abril de 2020.

OSWALD, Maria Luiza. Educação pela carne: estesia e processos de criação. In: PASSOS, Mailsa Carla Pinto; PEREIRA, Rita MARisa Ribes (Orgs.). **Educação experiência estética.** Rio de Janeiro: Nau, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus.** Coimbra: Edições Almedina, S.A, 2020.

VIANNA, Angel; CASTILHO, Jacyan. **Percebendo o corpo: corpo que fala dentro e fora da Escola.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.